

ESPAÇO-VIVIDO E A ESCOLA RURAL: O CASO DA ESCOLA JOÃO BRAGA DE CRISTO-NORDESTE PARAENSE

Laís Rodrigues Campos
Licenciada em Geografia
Bolsista CNPq
Universidade do Estado do Pará

Introdução

Este relato é fruto das pesquisas realizadas para a construção de uma monografia¹ e parte do projeto intitulado: A representação social da identidade camponesa em uma escola rural na microrregião de Tomé-açu, da Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação da Universidade do Estado do Pará, sendo financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico-CNPq, cujo lócus de estudo foi a Escola Municipal de Ensino Fundamental João Braga de Cristo, localizada a leste da rodovia PA-140 km 35, na comunidade Nossa Senhora das Graças, ramal da Vila do Cravo, no município de Concórdia do Pará, visto que nesta comunidade moram aproximadamente 1.200 pessoas. Esta pesquisa atualmente tem como objetivo discutir a relação entre educação e as representações acerca da identidade camponesa em uma escola rural.

Para tanto, tive o primeiro contato com esse ambiente em setembro de 2010, através de um trabalho de campo realizado em parceria com estudantes de Geografia da Universidade de São Paulo-USP. Nessa visita procurei conhecer na comunidade seu espaço escolar, sendo que a pesquisa de fato iniciou-se em março de 2011, quando conheci o diretor e vice-diretor da instituição e em seguida fui apresentada aos professores de Geografia. Nesta ocasião permaneci por lá até o final do período letivo (52 dias) para acompanhar o trabalho desses professores nos quatro turnos: manhã, intermediário, tarde e noite. Entrei em todas as turmas do Ensino Fundamental e do Médio, nesses momentos conversei e entrevistei alunos de várias idades.

Assim este texto está estruturado em três tópicos. No primeiro faço um sobrevôo sobre a comunidade do Cravo, sendo o *Espaço-vivido e os sujeitos do campo: a comunidade do Cravo*, no segundo: *O (Sub) espaço da escola rural: um olhar sobre a escola João Braga de Cristo* e no terceiro: *o Ensino de Geografia e a identidade camponesa*, e por fim as considerações finais.

Espaço-vivido e os sujeitos do campo: a comunidade do Cravo

Nosso olhar sobre o território camponês é na comunidade Nossa Senhora das Graças, ou Vila do Cravo (Fig. 2) que está localizada na Mesorregião Nordeste Paraense na Microrregião de Tomé-açu, sua ocupação se deu a partir do rio Bujaru e através da PA 140, entre os municípios de Bujaru e Concórdia do Pará, seu acesso é a partir de um pequeno ramal no km 35 desta rodovia, moram lá aproximadamente 1.200 pessoas. Para entendermos o processo histórico desse território Malcher; Nahum (2009), falam que,

Até a década de 80, o referencial de circulação de pessoas (transporte de pessoas até Belém) e produtos (comércio de gêneros) era a Foz do Igarapé Cravo (no rio Bujaru), após este período com a abertura de ramais pelo poder público municipal de Bujaru (até a década de 80) e posteriormente por Concórdia do Pará (anos 80 em diante), o referencial passou a ser a rodovia PA – 140 e não mais o igarapé. (MALCHER; NAHUM, 2009)

Nessa análise sobre o território, enxergamos no campo também um espaço de múltiplos territórios, constituído pelos diferentes atores sociais que atuam nesse espaço a partir das relações que ali se estabelecem. Visto que, esse território como marca da identidade camponesa apresenta elementos, que definem o seu modo de vida no qual, Fernandes (2006), coloca que

Dentre os elementos característicos do modo de vida camponês destaca-se a relação afetiva estabelecida com a terra e com a comunidade vizinha, representada pela cooperação, o mutirão e as reuniões festivas e, também, hábitos, costumes e valores na prática agrícola (...) e que são passados de pais para filhos e a participação, em sua maioria simbólica. (FERNANDES, 2006, p.3)

Desse modo a prática social do camponês está intimamente representada em seu espaço vivido como elemento principal de suas raízes, simbolizado no seu modo de vida, nas suas relações produtivas e nos laços de sociabilidade que caracterizam o espaço rural.

Figura. 1 - Vila do Cravo



Fonte: Campos, 2011 (Trabalho de campo)

Adentrando nesse território vamos observando quais os elementos que o traduzem como a questão econômica da comunidade que está voltada para a agricultura com a plantação de mandioca, produção de farinha, entre outros. Anterior à abertura das rodovias, os moradores caçavam e os produtos que comercializavam demoravam cerca de oito dias para chegar a Belém, porque o percurso era feito apenas pelo rio Guamá. Nesse caso ao visualizarmos a figuras 2 e 3, observaremos bem os traços do modo de vida da comunidade.

Figura 2 - Espaço da agricultura



Fonte: Campos, 2010 (Trabalho de campo)

Figura 3 - Igreja, parte central da Vila do Cravo.



Fonte: Campos, 2011 (Trabalho de campo)

Nas figuras 2 e 3 tivemos a oportunidade de observar quais elementos estão presentes em uma comunidade camponesa como a terra (que está diretamente ligada à produção e ao trabalho) e a questão da religiosidade (representada pela imagem da Igreja católica na área central da Vila). Dessa forma, para o camponês a terra é o espaço do trabalho e da reprodução do modo de vida, a qual é vista como um meio de sobrevivência, e não apenas como um espaço de produção ou mercadoria. Nela há elementos que caracterizam seu cotidiano, seu processo de territorialização, assim Saquet, enfatiza que

(...) o homem, vivendo em sociedade, territorializa-se através de suas atividades cotidianas, seja no campo seja na cidade. Ele constitui um lugar de vida. Este processo é condicionado e gera as territorialidades, que são todas as relações diárias que efetivamos (i) materiais, no trabalho, na família, na Igreja, nas lojas, nos bancos, na escola etc. Estas relações, as territorialidades, é que constituem o território de vida de cada pessoa ou grupo social num determinado espaço geográfico. (SAQUET, 2006, p.62)

Então, entender o campo como espaço de vida é associá-lo a elementos que demonstram o processo de espacialização das relações sociais, econômicas, políticas e culturais, inseridas neste espaço. Dessa maneira, Oliveira nos diz que

O território deve ser apreendido como síntese contraditória, como totalidade concreta do processo modo/de produção/distribuição/circulação/consumo e suas articulações e mediações supra-estruturas (políticas, ideológicas, simbólicas, etc.) onde o Estado desempenha a função de regulação. O território é assim, como produto concreto da luta de classes travada pela sociedade no processo de produção de sua existência (OLIVEIRA, 1998, p.8)

Nesse caso, percebemos como o território deve ser entendido, pois o mesmo ao ser apreendido como totalidade, não deve apenas ser visto como a junção de processos que o compõem, mas como resultado das relações sociais que o configuram. Pois de acordo com Haesbeart (2004, p.20), “não há como definir o indivíduo, o grupo, a comunidade, a sociedade sem ao mesmo inseri-los num determinado contexto geográfico, territorial”. Com esse olhar percebe-se que todas essas dimensões constroem o território à medida que, o mesmo sintetiza e representa essa estruturação.

Figura 4 - Tipos de casas da Vila do Cravo



Fonte: Campos, 2010(trabalho de campo)

Na Figura 4, vemos as moradias que compõem o espaço do campo na Vila do Cravo, mostrando as casas que estão ao redor da área central da Vila. Nelas observamos uma arquitetura simples e bem próximas uma das outras, com características típicas do interior, que representam as marcas e a identidade territorial desse lugar. Durante a pesquisa de campo na Vila, alguns jovens entrevistados da escola da comunidade falaram um pouco o que pensam desse lugar. Vejamos agora algumas dessas falas sobre

a comunidade do Cravo: “É uma população bem calma, mas tranquilo da onde eu moro no Km 35, porque lá no ramal passam muitos carros” (Carla Bastos, 13 anos, Abril de 2011), “É uma comunidade muito boa porque tem muitas pessoas, têm igarapés, o espaço geográfico é bom” (Lucas Silva, 14 anos, Abril de 2011), “A comunidade daqui é bem desenvolvida as pessoas participam muito da igreja ”(Thatiely Conceição, 14 anos, Abril de 2011),“A comunidade daqui é onde já saíram muitas pessoas inteligentes, é uma comunidade que tem bem religiosidade”(Mayrle Silva, 13 anos, Abril de 2011).

É através das falas desses jovens percebemos quais elementos caracterizam bem esse lugar como: a tranquilidade, a pouca frequência de carros, a interação das pessoas, os igarapés, a presença forte da religiosidade, a importância da escola, e a simplicidade.

Visto que no território camponês, o sujeito apresenta o saber como um instrumento da prática social que resulta da diversidade das formas com que se relacionam à produção, seus costumes e sua cultura, permeados por uma significativa organização territorial que também é própria de sua história social. O processo educativo, nesse aspecto, aparece como um elemento fundamental de construção desse espaço tanto nos fatores culturais, quanto nos políticos e econômicos que servem para o desenvolvimento desse território.

O (Sub) espaço da escola rural: um olhar sobre a escola João Braga de Cristo

O estudo, em tese, foi realizado durante as aulas de Geografia da Escola Municipal de Ensino Fundamental João Braga de Cristo (fig. 5), localizada na Vila do Cravo, nordeste paraense, que possui o Sistema de Ensino Modular (SOME), cujo funcionamento é em módulos trabalhados em cinquenta e dois dias (52 dias), para o desenvolvimento do conteúdo programático da disciplina.

Figura 5 - Escola João Braga de Cristo



Fonte: Campos, 2011 (Trabalho de campo)

Alguns documentos relatam que essa escola foi construída no ano de 1979 pelo então prefeito de Bujaru o Sr. Raimundo de Campos Lopes, visto que naquele momento Concórdia do Pará ainda não tinha sido desmembrada de Bujaru. O nome da escola foi em homenagem ao primeiro vereador da comunidade o Sr. João Braga de Cristo.² Sendo que os primeiros trabalhos pedagógicos foram iniciados pelas professoras: Josefa Marcos, Maria José Lopes Chaves, Maria Salomé, Inês, Ivânia Borges, Antônia Borges, Francisca do Socorro Chaves, Francisca Tavares, Ana Lúcia da Silva Conceição, Maria da Penha Santana, Maria da Piedade, etc.

Na época a escola funcionava com duas salas de aula, uma copa, uma secretaria e dois banheiros.³ Atualmente a escola é formada por cinco salas de aula, três banheiros, uma copa, uma sala de professores, um depósito, uma diretoria, uma secretária, um pátio, três passarelas e uma quadra de areia.

Ensino de geografia e a identidade camponesa

Figura 6 - aula de Geografia da professora Girvânia com turma da 5ª série/6º ano



Fonte: Campos, 2011(Trabalho de campo).

Na Figura 6, observamos a porta da sala de aula aberta, e mostrando uma paisagem bem peculiar do espaço do campo, com a Igreja em frente à escola, sem pessoas e carros do lado de fora, momento este que parecia de puro silêncio, pois só ouvíamos as vozes dos alunos e da professora. Nesse aspecto, observamos através da fala de alguns alunos, qual a importância do ensino de Geografia e se eles gostam dessas aulas, os mesmos disseram que: “Gosto da aula de geografia porque fala sobre o espaço, e a professora Girvânia explica muito bem”(Mileide da Costa, 14 anos, Abril de 2011),” Gosto muito da aula de geografia porque eu gosto de vê os mapas ”(Carla Bastos, 13 anos, Abril de 2011), “Eu gosto mais ou menos da aula de geografia porque fala muito de espaço geográfico, de muitos países ”(Lucas Silva, 14 anos, Abril de 2011).

Já na aula de Geografia do professor Augusto com a turma da 6ª série/7º ano de 30 alunos presentes, foi trabalhado o conteúdo de Capitalismo e Socialismo e sobre os Países Desenvolvidos e Subdesenvolvidos, um fato diferente nos chamou a atenção durante a aula, algo que não é comum apenas na cidade. Nesse momento era umas 15h, quando um aluno reclamou ao professor que havia muito piolho de galinha na sala de aula e logo em seguida outros alunos começaram a reclamar da mesma situação, ao examinarmos o telhado encontramos um ninho de andorinha, o professor então prosseguiu a aula e as reclamações pararam. Após um tempo, este os indagou sobre a

infra-estrutura da escola e muitos afirmaram que ela estava realmente precisando de uma reforma, e comentaram que isso só iria ocorrer se fosse mudado o governante do município, isso demonstra a criticidade e a dimensão política desses jovens.

Considerações finais

Este trabalho teve como objetivo compreender a relação entre o ensino de geografia e a cultura camponesa na escola rural João Braga de Cristo, a fim de demonstrar qual a visão dos alunos do campo sobre sua realidade, através desse ensino. Neste caso a partir do que observamos em sala de aula, ao longo do trabalho buscou-se evidenciar quais elementos associados à cultura, educação e identidade são apresentados em sala de aula, no sentido de contribuir na formação dos sujeitos do campo. Assim, após a realização de pesquisa de campo e levantamento bibliográfico sobre o objeto de estudo, analisamos que os educandos do campo, carregam saberes sociais que podem ajudar na sua construção social, tanto no ambiente interno quanto externo do espaço escolar. Nesse caso a pesquisa, nos fez adentrar na realidade desses sujeitos à medida que conseguimos observar em campo quais as marcas e significados que simbolizam o espaço social desse povo.

Notas

¹Pesquisas iniciadas em Setembro de 2010 para construção de uma monografia do curso de Geografia do IFPA e do projeto PIBIC/CNPq-UEPA, seguindo estes as orientações da professora Dr^a Cátia Oliveira Macedo

²Dados referentes ao Projeto Político Pedagógico da escola.

³Dados referentes ao Projeto Político Pedagógico da escola.

Referências

FERNANDES, Bernardo Mançano; MARQUES, Marta Inez Medeiros; SUZUKI, Júlio Cesar (org). **Geografia Agrária: teoria e poder**. 1^a Ed. São Paulo: Expressão popular, 2007.

MALCHER, Maria Albenize F.; NAHUM, João S. **A formação das comunidades negras rurais de São Judas e Cravo, no estado do Pará**. Belém, 2006.

OLIVEIRA, Ariovaldo U.A Geografia agrária e as transformações territoriais recentes no campo brasileiro. In: CARLOS, Ana Fani. (Org). **Novos caminhos da geografia**. São Paulo: Contexto, 2002.p.63-110.

SAQUET, M. A. Campo -Território: considerações teórico-metodológicas. Campo-Território: **Revista de Geografia Agrária**. Uberlândia. V.1, n.1, p. 60-81, 2006.